MEMÓRIAS FLUVIAIS E MEMÓRIAS LITORÂNEAS DO IMAGINÁRIO URBANO PESSOENSE: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DA CAPITAL PARAIBANA

Alana Cavalcanti Cruz¹

*[...] se o historiador quiser tentar compreender o significado dos labirintos construídos pelos homens, não deve fechar os olhos nem tampouco o coração.
Antônio Paulo Rezende*

Há mais de dez anos moramos na cidade de João Pessoa, porém antes de estabelecermos domicílio nesta localidade, nos deslocávamos de Campina Grande, nossa cidade natal, para passarmos o veraneio com a família e nos juntávamos aos pessoenses, para desfrutarmos dessa tão agradável estação do ano. Sendo assim, estabelecíamos uma relação temporária, conhecíamos pessoas novas naquele período, reencontrávamos também pessoas queridas, mas não havia de fato um olhar voltado e/ou interessado pela e para a cidade.

Quando começamos a estabelecer o vínculo enquanto moradora, nossa relação mudou completamente e à medida que o tempo passava, a necessidade de conhecer essa cidade que nos acolheu enquanto profissional, tornava-se eminente, principalmente nas festividades referentes ao seu aniversário, era necessário preparar algo referente à temática nas escolas em que trabalhávamos na época. A cada pesquisa uma nova João Pessoa surgia e junto a ela um desejo de conhecê-la para além do que estava por trás das cortinas dessa história cidadina.

A nossa experiência enquanto pesquisadora nesse trabalho nos ajudou a compreender que o querer e o sentir vai bem mais adiante do que os conceitos propriamente ditos, é bem verdade que necessitamos deles para fundamentar o trabalho acadêmico, porém algo precisa pulsar dentro de nós, algo inexplicável objetivamente, mas tão pulsante e latente, que nos permita permanecer várias noites em claro, até o parágrafo ou até que aquela nova fonte encontrada possa transmitir algo coerente e relevante para os estudos históricos.

Foi assim, que essa pesquisa se desenvolveu, a partir do querer, do querer bem a cada pessoa entrevistada, a cada fala que saltava no momento da transcrição. Foi o gostar de João Pessoa, de ser moradora da capital paraibana, que permitiu que o texto fluísse, mesmo naqueles momentos mais difíceis. Sem esses elementos, nenhuma teoria ou metodologia sustentaria a frieza de uma narrativa sem vida. Pois precisamos reconhecer que antes de sermos historiadores e/ou pesquisadores, também somos humanos, cheios de fraquezas, pulsões e limitações. Assim como nos propõe o historiador Antônio Paulo Rezende, é importante que não fechemos os olhos nem o coração.

Dessa forma, foi possível enxergar duas cidades dentro de uma, ou múltiplas cidades, enfim a cada fonte analisada, seja oral, escrita, ou iconográfica avistávamos experiências cidadinas, algumas delas intimamente ligadas ao Rio Sanhauá e seu entorno, outras com uma ligação voltada ao mar, com um litoral que nem sempre foi urbano, porém com vida, ou melhor, dizendo vidas com muitas histórias pra contar. Eis o desafio! Descortinar aquilo que muitas vezes fora velado por uma análise mais técnica e menos sensível, descortinar o invisível, semelhante à experiência do viajante em Diomira, que mesmo possuindo uma arquitetura luxuosíssima, deixa sua marca na

---

¹ Mestre em História, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

memória pela diversão nas tabernas com lâmpadas multicoloridas e noites inesquecíveis:

Partindo dali e caminhando por três dias em direção ao levante, encontra-se Diomira, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas lajeadas de estanho, um teatro de cristal, um galo de ouro que canta todas as manhãs no alto de uma torre. Todas essas belezas o viajante já conhece por tê-las visto em outras cidades. Mas a peculiaridade desta é que quem chega numa noite de setembro, quando os dias se tornam mais curtos e as lâmpadas multicoloridas se acendem juntas nas portas nas tabernas, e de um terraço ouve-se a voz de uma mulher que grita: uh!, é levado a invejar aqueles que imaginam ter vivido uma noite igual a esta e que na ocasião se sentiram felizes (CALVINO, 1990, p.11).

Buscamos por histórias assim, para além do monumento, do prédio mais antigo, do traço e das regras delimitadas pelos gestores, do discurso oficial, fechado, universal, tendo em vista que ela é plural, com experiências de vida únicas e inesgotáveis. Pois acreditamos que além do dado físico, o simbólico e o imaginário também nos ajudam a compreender o viver na cidade. Assim como nos afirma Canclini (2008):

O que é uma cidade? Até meados do século XX o pensamento urbano respondia a essa pergunta segundo a configuração física: cidade é o oposto do campo, ou um tipo de agrupamento extenso e denso de indivíduos socialmente heterogêneos. Nas últimas décadas, tenta-se caracterizar o urbano levando em conta também os processos culturais e os imaginários dos que o habitam (CANCLINI, in TEIXEIRA, 2008, p.15).

Os depoimentos orais sobre o cotidiano pessoense conduziram o trabalho, pois através deles selecionamos as demais fontes, para nos auxiliar na compreensão de algumas representações (CHARTIER, 1990) da vida na cidade de João Pessoa, através do olhar dos seus moradores. Encontramos experiências do viver moderno, mas também mesmo nos locais que ainda não desfrutavam de plena urbanização, foi possível compreender outras “maneiras de fazer” (CERTEAU, 2014). Partimos de um Centro em pleno desenvolvimento moderno, paramos num litoral ainda pouco habitado e sem a agitação citadina e chegamos ao mar, quando o seu entorno vivenciava outras experiências, as quais tornaram possível a transferência da vitrine do moderno do Centro para o litoral.

Através das histórias de vida dos antigos moradores da antiga Parahyba do Norte e atual João Pessoa, conduziremos a nossa narrativa. Sabemos que não é papel do historiador eleger uma fonte histórica como superior em detrimento das outras, mas cremos que é necessário deixarmos claro que nesse trabalho utilizamos diferentes delas, com o objetivo de auxiliar no mapeamento mental das descrições dos depoentes.

1 MEMÓRIAS FLUVIAIS² DO IMAGINÁRIO URBANO PESSOENSE: O RIO SANHAUÁ COMO NASCEDOURO DE UMA CIDADE E CONSTRUTOR DE IDENTIDADES.

A cidade de João Pessoa, mesmo sendo litorânea, surgiu no Centro, tendo o Rio Sanhauá como referência para o seu nascedouro. A partir desse dado, pretendemos começar a nossa análise, sobre as memórias e conseqüentemente, o imaginário urbano pessoense. Sandra Pesavento, em seu artigo “História, memória e centralidade urbana”, nos traz contribuições valiosíssimas, acerca dos significados e símbolos, que contribuem para o imaginário da centralidade urbana. Assim podemos perceber que através de dados objetivos e subjetivos, tais como hábitos, maneiras de ser, bem como os acontecimentos do passado, as identidades se fundamentam:

As identidades são fabricadas, inventadas, o que não quer dizer que sejam, necessariamente, falsas. As identidades, enquanto sensação de pertencimento são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual. Identidades asseguram e confortam, sendo dotadas de positividade que permite a aceitação e o endosso. Identidades fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhendo traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos do passado, tal como lugares e momentos. Com tais elementos, a identidade implica na articulação de um sistema de idéias imagens que explica e convence (PESAVENTO, 2007, p.4).

Pretendemos caminhar por espaços muitas vezes esquecidos no contexto atual, porém bastante vivos na memória dos traseuntes citadinos de outrora, os moradores pessoenses fluviais³. O nosso ponto de partida será a Rua Duque de Caxias situada no centro da cidade de João Pessoa. Na condição de representante da memória geográfica de fundação da Parahyba, podemos destacar a relevância desta rua, localizada no Centro até a primeira metade do século XX, vale salientar que sua notoriedade se deve também ao fato de ter sido freqüentada por pessoas que pertenciam a grupos sociais de prestígio na sociedade, conforme nos indica a passagem a seguir:

Rua Direita, Rua Baixa, Rua de São Gonçalo ou do colégio. Eram estes nomes da nossa atual Duque de Caxias [...] Localizando-se no centro da cidade, [...] Nela moravam comerciantes, industriais, professores, médicos, políticos, magistrados [...] (AGUIAR, 2002, p. 220-221).

As representações das experiências citadinas estão associadas ao cotidiano dos seus moradores e sua relação com as ruas centrais. Neste momento histórico, era na rua Duque de Caxias que aconteciam as festas, as quais serviam como entretenimento e

---

² Fluvial: adj. Relativo aos cursos de água: erosão fluvial. Que vive nos rios. (Dicionário Online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br>. Acesso em: 05/11/2014). Esta metáfora é utilizada no intuito de destacar a construção da identidade pessoense a partir do Rio Sanhauá e seu entorno, sendo assim, as “memórias fluviais” serão apresentadas através das narrativas de afirmação da identidade pessoense na experiência fluvial (no entorno do rio) e do centro.

³ Moradores do centro da cidade. O Rio Sanhauá, considerado o nascedouro da cidade, serviu como ponto inicial da cidade de João Pessoa, posto que os primeiros bairros foram nascendo em seu entorno. Assim sendo, como a terminologia fluvial refere-se a rio, utilizamos a metáfora moradores pessoenses “fluviais”. Op. Cit 1.

sociabilização da época das elites locais, pois lá além de residências, comércio, consultório, também existia o Clube Ástrea e o Clube Cabo Branco.

Gostaríamos neste momento de apresentar uma narrativa a partir das memórias de um antigo morador da Rua Duque de Caxias, hoje residente na Praia Ponta de Campina, no município de Cabedelo. Mário Glauco Di Lascio, nasceu em João Pessoa (1929), onde permaneceu radicado, formou-se na Escola de Belas- Artes de Pernambuco (1957), lecionou na Escola de Engenharia da Paraíba, fundou o curso de arquitetura da UFPB, no qual lecionou, atuou no Serviço de Engenharia, foi consultor da prefeitura de João Pessoa de 1954 até 2008. Dentre várias obras realizadas nesta cidade, está a reforma do Ponto Cem Réis, o qual recebeu iluminação, foi arborizado com um moderno e importante viaduto denominado Damásio da Franca, nome do gestor da época. Este foi construído no intuito de atender a expansão do trânsito de veículos.

Sua família chegou à capital paraibana em 1916, pois seu pai Hermenegildo Di Lascio de origem italiana, porém erradicado na Argentina, foi contratado, juntamente com outro compatriota e companheiro de ofício o arquiteto Pascoal Fiorilo, ambos no governo de Camilo Holanda. Uma das razões para que eles e outros profissionais da área buscassem essa cidade, devia-se ao fato dos encaminhamentos das obras públicas realizadas na cidade, portanto Mário já nasceu em uma família bem sucedida e por isso usufruiu de espaços privilegiados de acesso a uma minoria favorecida.

Seguindo os passos do pai, também se tornou arquiteto, desenvolvendo projetos particulares, bem como foi responsável durante várias gestões municipais, por conduzir obras da prefeitura, através de plantas de bairro, obras de mobilidade urbana, dentre outras. Atualmente, aos 86 anos, está aposentado, mas uma de suas atividades prediletas é conversar com estudantes universitários que estão realizando monografias, dissertações, teses, dentre outros trabalhos universitários sobre a cidade de João Pessoa. Ele afirma, que é sempre um prazer compartilhar essas informações, posto que a maioria dos seus contemporâneos já faleceram. De forma descontraída ele diz: “[...] porque da minha época todo mundo já morreu, ‘pratrasmente’ não tem mais ninguém vivo, ‘prafentemente’ também o pessoal não sabe [...]”⁴.

Devido a sua formação em Arquitetura, Mário possui uma grande facilidade em delimitar verbalmente as áreas da cidade. Ao tratamos da Rua Duque de Caxias ele nos descreveu suas características principais, e provavelmente devido à influência do seu ofício, no decorrer da conversa pegou papel e lápis para fazer os rabiscos do que ele estava descrevendo. Então sem que saíssemos da cadeira pudemos transitar na Rua Duque de Caxias nos idos dos anos 1930 e 1940. Em tempos de pobreza de experiências, assim como nos afirma Walter Benjamin, eis que encontramos um narrador. Não sei se da família do camponês sedentário ou do marinheiro comerciante, mas creio que de fato o artífice aperfeiçoou a narrativa (BENJAMIN, 1996)⁵.

Dentre suas várias narrativas, destacaremos o seu relato a respeito de suas brincadeiras de infância:

Menino era o seguinte se jogava “Patacho” que era caco de telha que o caba jogava no chão e o outro jogava, se batesse ganhava um ponto, se caísse perto, aí o outro tinha direito de jogar e ganhar, a dinheiro, sabe o que era o dinheiro!? Carteira de cigarro que

⁴ Entrevista concedida a autora em 25 de setembro de 2014. A partir daqui, o Sr. Mário Glauco Di Lascio.

⁵ Walter Benjamin em “Obras escolhidas”, fala das famílias de narradores existentes, no ensaio “O narrador” ele afirma que se o camponês sedentário e o marinheiro comerciante foram os primeiros mestres na arte de narrar, os artífices foram quem a aperfeiçoaram. O primeiro sendo comparado aquela pessoa que não saiu do seu lugar de origem, mas que preservou suas tradições, e o segundo como aquele viajante que sempre traz notícias de terras longínquas (BENJAMIN, 1996).

naquela época num era mole como a de hoje, era papelãozinho durinho, o “Cônsul” era o cigarro mais caro, não o cigarro que era caro, era caro a caixa do cigarro que a gente arrancava a frente custava 20 mil reis, teórico né!? Era o dinheiro da gente.

Ou então “Fona” que chamada gude, que era bola de gude, que a gente fazia três buracos no chão que era o buraco mestre, o segundo buraco e terceiro buraco que era o gude, quem caía no buraco, tem direito a jogar noutro buraco, quem caía perto o outro ia, se caísse dentro do buraco, o outro tinha direito de dar uma “Petelecada” na bola dele na outra mais distante ainda e era um jogo... que era o jogo da gente...

Depois tinha “Amarelinha”, na época da gente tinha outro nome... academia, que é aqueles quadrados com o número e a outra coisa era subir no sobrado da esquina que ainda hoje ainda existe lá, ta fechado, subia por dentro, até o quarto que Antonito nasceu, tinha uma escadinha por dentro pra ir pelo forro, depois do forro, quebrava umas ripas ia pro telhado, quebrar as telhas e jogar as bandas de telhas lá no Ponto Cem Réis no carro de praça, que ficava em redor da torre do relógio os caba:

- Caba safado!

[risos]

Era as brincadeira da gente.

O narrador fala de dentro, do lugar de alguém que teve uma história de vida pessoense intensa, com muito lazer e muita sociabilidade. Essas memórias fluviais falam de uma João Pessoa pulsante, lúdica e cheia de atrativos e divertimentos. Possuindo uma subjetividade cidadina ligada às experiências burguesas no cotidiano pessoense por isso, ele fala de uma João pessoa dos incluídos e bem sucedidos.

2 TAMBAÚ DO SOSSEGO: OS VERANISTAS DOS TEMPOS DOS COQUEIRAIS

Nos registros escritos⁶, os relatos descrevem o espaço litorâneo, enfatizando bem mais o seu lado ligado à natureza, calmo, pacato e sereno, sem que se descrevesse muito conhecimento de atividades sociais:

Velha praia de Tambaú... Em 1907 havia um trem, que ia da Cruz do Peixe à orla marítima. E no início da segunda metade do século anterior já se registrava a presença de um cemitério, ‘em redor da capela do Coração de Jesus, completamente aberto’, conforme assinalou o presidente Beaurepaire Rohan em seu esclarecedor relatório de 1858. Essa tosca necrópole servia de última morada dos pescadores, pois somente eles é que viviam na luxuriante praia, onde havia muito coco, caju, guajiru e malária (AGUIAR, 2002, p. 289).

Em busca dessa tranquilidade, muitos moradores do centro da cidade, se mudavam no período do veraneio, para passar esse período em suas casas da Orla marítima, principalmente Manaíra e Tambaú. Mário relembra dessa época e afirma: “Tambaú era um balneário, a gente morava no Centro, ali no Ponto Cem Réis, por ali, e

---

⁶ Fazemos referência, aos registros que temos da historiografia tradicional, com obras de Wellington Aguiar e José Otávio, já citadas.

no fim do ano, pegava o caminhão entupia de guarda-roupa, cama, fogão, e vinha passar dois, três meses na praia de Tambaú”.

Além dos moradores de João Pessoa, muitos de deslocavam de Campina Grande, para desfrutar dessa estação do ano, nesse cenário paradisíaco. Era o caso de Alice, atualmente moradora de Manaíra, há 30 anos, iniciou sua estadia pela região como veranista nos anos 1960 e relembra: “Faz 30 anos. Eu vim morar aqui, assim, foi num acaso. A gente foi veraneiar e com tempo foi ficando” [...] “Aqui quando a gente atravessava pra ir lá pra frente, a gente atravessava isso aqui... Era uma areia só, não tinha uma casa, não tinha nenhuma casa”⁷.

Nos deparamos com uma realidade diferente da que compartilhamos no primeiro capítulo. Estávamos no entorno do Rio Sanhauá, os moradores da Rua Direita, desfilavam e desfrutavam de todos os requintes da modernidade. Porém do lado de cá, no mar, a realidade era bem diferente, encontramos com uma Manaíra sem equipamentos urbanos, sem calçamento, “era uma areia só” como afirma nossa depoente. Outras práticas e praticantes se instauravam em uma realidade que ia na contra mão do progresso e da modernidade, pois tínhamos um espaço pouco urbanizado.

Os pescadores praticavam esse espaço com maior frequência, porém os veranistas vivenciavam essa realidade apenas em período do ano. Mesmo diante, das particularidades existentes em cada grupo, podemos afirmar que eles possuíam algo em comum, por praticarem esse espaço pouco ou nada urbanizado. Porém, assim como nos afirma Certeau o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada, por conta disso, deve ser compreendido de forma plural (CERTEAU, 2014).

Os pescadores e os veranistas são “os outros” praticantes do espaço, os sujeitos ordinários, que praticam esse espaço no seu cotidiano, fugindo, rompendo ou transgredindo as normas estabelecidas pelo paradigma citadino.

De outro lado, e sobretudo, a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação [...] Ela visa uma lógica operatória cujos modelos remontam talvez as astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou insetos camuflados, e que, em todo o caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente [...] as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma “cultura” e exumar modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada [...] Esta paisagem, vista do alto, oferece apenas a miniatura de um quebra- cabeça onde ainda faltam muitas peças (CERTEAU, p.37 e 38, 2014).

As experiências dos pescadores nos ajudaram a encontrar algumas peças, muitas vezes não perceptíveis na paisagem de uma praia de veraneio. Sendo assim, podemos perceber, que de acordo com a prática do vivido pelos veranistas, também se descortinam novas práticas, estabelecidas por esses moradores temporários.

Alice, atualmente moradora de Manaíra, se estabeleceu na região inicialmente como veranista, quando seu pai, comprou a casa na década de 1960. Ela descreve a realidade daquela época, a qual era escassa de diversos equipamentos modernos. Ao recordar daqueles tempos, a nossa depoente explicou que chegavam no mês de janeiro em João Pessoa, para desfrutar a estação do verão, e apenas em março voltavam para

⁷ Nome fictício. Entrevista concedida a autora em 10 de junho de 2013.

Campina Grande. Até que chegassem as férias do ano seguinte, a casa ficava fechada, e destaca que ninguém ficava tomando conta, devido à segurança do local.

A narrativa da nossa entrevistada prossegue, e ela nos descreve os estabelecimentos que se tinha acesso na época, como o Bar Elite, a padaria que era um pouco distante e uma bodega para comprar alguns suprimentos que por acaso faltasse, onde atualmente se localiza o Supermercado Manaíra. Porém, os itens de supermercado eram comprados no Mercado Central, pois não era possível encontrar na região tudo que se necessitava, portanto era comum recorrer à vitrine do moderno. Ao lembrar do passado, ela confessa que muitas vezes não acredita em todas essas mudanças que aconteceram. Vejamos:

Às vezes eu fico sentada aqui olhando... Quando é de noite, começa a acender as luzes, esses edifícios, parece uma mentira... Essa casa aqui e essa casa de Seu Nonato, mas só a casa, aí vizinho era terreno, esse edifício era terreno, só ia até a casa da esquina, que era de uma família também dos Franca.

Ao constatar a paisagem urbana e ao mesmo tempo lembrar a realidade que vivia junto aos seus familiares na época de veraneio, Alice parece não acreditar nessa reconfiguração do espaço urbano, pois o que em outros tempos eram só terrenos, hoje corresponde a prédios daquela região.

A narradora afirma que, além do banho de mar de manhã, um outro entretenimento da época era o jogo de buraco à noite, uma atividade que envolvia familiares e amigos. As atividades de lazer, em sua maioria, estavam concentradas no Centro, como por exemplo cinemas, clubes, mesmo assim as pessoas que estavam curtindo o verão, passavam a maior parte do tempo lá, se deslocando apenas quando necessitavam de algo.

Durante esse período do ano, não só os campinenses, mas também os próprios moradores no centro da cidade ocupavam esse espaço em busca de sossego, tranquilidade, fugindo um pouco do viver moderno. Assim podemos perceber que nesse outro espaço, a partir de outros códigos, e sem seguir uma rotina cidadã, havia uma convivência diferente, uma outra forma de viver na cidade. Uma paisagem de cidade sem prédios, sem vitrines, sem regras de sociabilidades rígidas, ao avesso do moderno. De fato, percebemos que “as cidades não existem só como ocupação de território”, mas “pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais” (CANCLINI in COELHO, 2008, p. 15).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wellington e Mello, José Octávio. **Uma Cidade de Quatro Séculos.** Evolução e Roteiro. Gráfica Grafset, 1985.

AGUIAR, Wellington Hermes Vasconcelos. **Cidade de João Pessoa - A Memória do Tempo.** 3 ed. João Pessoa, Ideia, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas,** Mágia, técnica, Arte e política, São Paulo, Brasiliense, 1996.

CERTEAU, Michel de. (et all) **A Invenção do cotidiano: 2,** morar, cozinhar. Petrópolis, Vozes, 1996.

_____, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes de fazer**. 21 ed, Petrópolis, Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____, **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____, Sandra Jatahy. **História, memórias e centralidade urbana**, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 05 janvier 2007, consulté le 22 avril 2015. URL : <http://nuevomundo.revues.org/3212> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.3212.

_____, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano - Paris**, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década XX**. Recife: FUNDARPE, 1997.

TEIXEIRA, Coelho (org). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

ENTREVISTAS:

Alice (Nome fictício). *Entrevista concedida à autora*. João Pessoa. Junho de 2013.

Mário Glauco Di Lásccio. *Entrevista concedida à autora*. Setembro de 2014.